

Brasília — ontem e hoje

Ernesto Silva

“Sonhador é aquele que percebe a aurora antes dos outros (Óscar Wilde)

O escritor Aldous Huxley, ao contemplar Brasília, à época de sua construção, exclamou entusiasmado: “Vim diretamente de Ouro Preto a Brasília. Que jornada dramática através do tempo e da história! Uma jornada do ontem para o amanhã; do acabado ao que está para começar, de conquistas antigas a novas promessas”!

Sim. Brasília foi uma nova promessa, o sonho de várias gerações, a predestinação de São João Bosco, a decisão de um presidente, a fibra heróica de um pugilista de cangangos.

Nada obstante a descrença e a indiferença dos derrotistas, dos que são contra tudo e contra todos, dos que subestimam o interesse nacional ou o condicionam às suas próprias conveniências, a mudança da capital estava de tal modo arraigada na opinião pública e tão bravamente defendida pelos milhões de brasileiros do interior, que Brasília é uma realidade.

“Tentaram transformá-la em vítima expiatória de todos os males do passado; tentaram atirar sobre a iniciativa revolucionária e salvadora de obedecer-se a um artigo da Constituição todo o desequilíbrio de uma nação que cresce. Mas a verdade é que Brasília é uma operação de largo vulto e graças a ela o Brasil passou a ser um país de fato”.

Brasília não foi uma improvisação, mas o resultado de um amadurecimento. Não foi apenas uma mudança de capital, mas o anúncio de uma reforma. Tornou-se, portanto, imperativo que cada soldado dessa primeira linha de batalha se armasse de bravura absoluta, se revestisse de desambição e se empolgasse do renovado espírito de pioneirismo que deu corpo e alma ao perfil lendário do bandeirante. Qualidades positivas de operosidade e de renúncia, capacidade realizadora, ânsia de progresso, fé nos destinos do Brasil,

se apresentariam libertas das antigas restrições, em toda a sua plenitude, na arrancada inicial. Era, sobretudo, necessário destruir, pelo exemplo e pela realização, o conformismo que acomodava a consciência nacional em morna sonolência. Por isso, ao lideiro da primeira hora de Brasília não foram permitidos o ócio, a pausa, a vacilação. Daí a dureza das obrigações, quase desumanas, que todos sentiram nos regimes do serviço e na exigência da rapidez e da perfeição da obra.

Durante mais de três longos anos, a preocupação dominante de todos, sem exceção, consistiu em dedicar um esforço sem limite para entregar a cidade em condições de ser inaugurada a 21 de abril de 1960. Para atingir esse objetivo, era imprescindível trabalhássemos como se cada hora fosse a última hora concedida e a madrugada viesse iluminar o dia festivo da inauguração. Era necessário que abandonássemos os estilos normais de trabalho para que as vigílias e as prorrogações de horários se tornassem o trivial do serviço. Era necessário não fossem tomados em consideração o pó, a lama, o frio, a soalheira, as intempéries, a fadiga e o desconforto. Não bastava que cada um desempenhasse bem os seus encargos regulamentares. Era condição de vitória que todos multiplicassem o esforço para saldar, no vencimento, o compromisso assumido com a Nação, levando, se preciso, seu entusiasmo pelo trabalho e sua identificação com a obra até o limite crucial do próprio sacrifício. Éramos verdadeiros escravos, mas escravos de um ideal.

Sem descanso de um só minuto, operários, técnicos, especialistas e diretores da empresa dedicaram todos os momentos de sua vida à concretização da obra monumental. E surgiram prédios públicos, avenidas monumentais, residências, serviços de água, esgoto, luz, telefone, jardins, hotéis, escolas, postos médicos, granjas...

A cidade não se tornaria apenas um colosso arquitetônico; o sistema único de saúde, com uma antecipação de 30 anos, nasceu em Brasília e foi implantado em 1960, mais tarde

desestruturado por incompreensão dos que a administravam. O regime de tempo integral no ensino foi também implantado em Brasília e começou a funcionar no dia da inauguração da cidade.

Finalmente, a 21 de abril de 1960, foi inaugurada a nova capital do Brasil, que, desde então, resiste a toda a sorte de embates.

Fala o presidente Juscelino Kubitschek no momento da inauguração da cidade: “Os que duvidarem desta vitória; os que procuraram impedir a ação; os que desmandaram em palavras contra esta cidade, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam, eram mais fortes que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História os que não compreenderam e não amaram esta obra”.

No dia da inauguração, perante milhares de turistas, do Corpo Diplomático, dos membros dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, dos heróicos construtores da cidade, Brasília se afirma como a capital do Brasil.

Naquele momento, a cidade representava o fim da epopéia, da música trepidante e da luta frenética, o epílogo de um trabalho ininterrupto. Era o início do cotidiano e da rotina, sem grandeza, sem entusiasmo, sem gosto de heroísmo. Os que a planejaram e a construíram sentiam naquele momento, de antemão, uma saudade imensa, como se experimentassem a perda de um ente querido.

Mas, ante tantas distorções acumuladas ao longo dos anos e crescendo desmesurada e desordenadamente, qual será o destino de Brasília, “edificada no entusiasmo e na precipitação, mesclando o sonho ao planejamento”, “uma das maiores epopéias da história dos homens”?

■ Ernesto Silva, diretor da Novacap durante a construção de Brasília, é médico pediatra